

Dança enriquece e refresca ópera 'A Orquídea Branca'

As duas coreografias, são importantes no conjunto, disse Juliana Andrade

14 OUT 2008 / 18:11 H.



Enriquecer e refrescar a ópera são, na opinião de Juliana Andrade, os objectivos da produção ao introduzir a dança em 'A Orquídea Branca'. O trabalho, assinado por João Aguiar e José Salgueiro (libreto e música) tem estreia marcada para o dia 27.

Nove bailarinas do Gabinete Coordenador de Educação Artística (GCEA) vão dançar na chegada da comitiva real ao Funchal e na festa de aniversário da princesa Arnélia as duas coreografias assinadas por Juliana Andrade. Apesar de serem 'momentos breves', são importantes no conjunto pelo resultado, disse a coreógrafa.

A também jovem bailarina vai estar em palco com Joana Freitas, Sara Freitas, Sónia Gouveia, Beatriz Gonçalves, Inês Gonçalves, Mafalda Franco, Rubina Macedo e Cláudia Silva (que representam as meninas talentosas do povo) em momentos de dança contemporânea pontuados por referências à época. O bailinho e a contradança foram recuperados e introduzidos de forma subtil, urna forma de enquadrar no conjunto a época e a Região, sobretudo durante na primeira coreografia, que é mais nobre, explicou. Na segunda, na festa surpresa dos 21 anos de Arnélia, continuou, a dança é mais festiva, com movimentos que lembram o vira e o fandango.

Segundo Juliana Andrade, quem conhece o seu trabalho vai reconhecer algumas opções, embora tenha introduzido muitas coisas novas e adaptado outros movimentos a novas formas de apresentação.

O trabalho começou a ser preparado em Setembro. O tempo e a conciliação de horários têm sido os únicos obstáculos. O resto tem andado bem. O trabalho final só será feito no Teatro, porque sabe que terá de fazer alguns ajustes, dada inclinação do palco, explicou. A jovem aponta o formato do Baltazar Dias como prejudicial neste caso.

O facto de já ter trabalhado com Jorge Salgueiro, de ser um trabalho específico, com orientações, deram-lhe confiança e facilitaram o sim. 'Está a dar prazer porque tem pesquisa, tem contexto, criar a partir da música do compositor é mais enriquecedor, mais prazeroso', confessou. A coreógrafa fala de Salgueiro como uma pessoa fácil de trabalhar, com objectivos definidos e que consegue mesmo assim dar liberdade criativa.

Das partes para o todo

Os ensaios separados permitem que cada grupo trabalhe a sua parte e só na próxima semana vão começar os ensaios de conjunto.

Começar foi o mais complicado, disse. Depois de estar dentro da criação, as coisas foram fluindo e a segunda coreografia foi muito mais fácil.

Sobre o resultado, sorriu e confessou: 'Gosto de vê-las a fazer e gosto de ver a evolução do trabalho, mas nunca estou satisfeita'. O descanso só virá com o aplauso do público. Até lá vai continuar à procura da perfeição.

Dividir-se entre as duas posições, tanto como coreógrafa, como quando se assume bailarina não é fácil: 'Complica o trabalho ter de passar para o lado de fora para escolher o elenco e limpar a coreografia. Acabo por não ter tempo para trabalhar como bailarina, para aperfeiçoar-me', disse, mas confessou que ainda não está pronta para desistir do palco. Valoriza os conteúdos que recebe de outros coreógrafos e que servem para crescer. Na dança, Juliana Andrade divide-se entre o Gabinete Coordenador de Educação Artística e o Grupo Dançando com a Diferença, para quem também já coreografou.

Juliana Andrade tem 23 anos. Desde os seis que dança e dos 12 anos, sensivelmente, que se dedica a coreografar, inicialmente nos ateliers coreográficos promovidos pelo GCEA e ultimamente para o Grupo de dança do Gabinete. **Paula Henriques**